NOTAS SOBRE VIDAS *ON-LINE* A PARTIR DA TEORIA DA ESTRUTURAÇÃO

Felippe Thomaz¹

Paulo Victor Sousa²

Vitor Braga³

Resumo

Pretendemos nesse artigo situar o indivíduo contemporâneo, espreado em diversas redes sociais, no que tange à sua relação com a linguagem. Neste sentido, compreendemos a linguagem como algo em movimento, em curso; esta perspectiva temporal convida a pensar em um indivíduo inserido em uma estrutura social. O campo da sociologia traz um *background* a esta discussão. A digressão aqui empreendida considera a construção dos perfis em ambientes dos sites de redes sociais. A teoria da estruturação é o referencial teórico adotado, de forma a compreender o modo como as ações necessitam de um reforço ao longo do tempo, ocasionando com isto a formatação de uma linguagem características nos ambientes da internet.

Palavras-chave: redes sociais; teoria da estruturação; linguagem; perfis

I. Introdução

No contexto das relações contemporâneas, temos um indivíduo espreado nas redes sociais na internet, nos mundos virtuais de caráter lúdico, nos sítios de compras *on-line*, em fóruns de discussão, dentre outros espaços de autorrepresentação e/ou interação. Considerando a dicotomia real x virtual enquanto fronteira cada vez mais problemática, o interesse de discutir as relações entre o *self* e suas diversas flexões nos ambientes digitais é reforçado.

Turkle (2011) compreende a questão ao apresentar o conceito de *multilifing*, enquanto modo de expressão característico a este tempo, marcado por relações inéditas do homem com

¹ Aluno de mestrado do POSCOM, UFBA - Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Membro do GITS - Grupo de pesquisa em Interação, Tecnologias digitais e Sociedade. Pesquisa jogos eletrônicos e algumas de suas relações com o indivíduo e a sociedade. felippethomaz@gmail.com

² Aluno do doutorado no POSCOM – UFBA. Membro do Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias digitais e Sociedade (GITS) e do Grupo de Pesquisa em Cibercidades (GPC). E-mail: pvbsousa@gmail.com

³ Jornalista, mestre e doutorando em comunicação pela Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS). Bolsista da Capes. vitorbragamg@gmail.com

a linguagem. Neste sentido, admitimos um movimento recursivo no que diz respeito ao homem e ao sistema em que está inserido: desde aspectos da linguagem quanto ao próprio arranjo em coletivos organizados. Ou seja, este auxilia na criação e manutenção destes sistemas e, em contrapartida, este sistema influencia a própria constituição de si.

Tomando como caso os sites de redes sociais, é possível perceber a formatação de um complexo de linguagens utilizadas na construção de um perfil em SRS. Não encaramos essa dinâmica (de personificação, de criação e manutenção de contatos etc.) constituída por uma estrutura maior e repassada a largos passos para o público com que lida, mas como um processo de negociação social, ancorado por esquemas interpretativos e modos de engajamento dos usuários nos ambientes nos quais se inserem. Tais ambientes são, desse modo, estruturados de modo a fornecer recursos importantes para a construção da *persona* do indivíduo, o qual age em retorno para como aquelas dadas possibilidades.

A lente interpretativa que adotamos para observar tal fenômeno é a *teoria da estruturação*, proposta pelo inglês Anthony Giddens (2009), a qual nos auxilia na argumentação de como essa linguagem se estrutura em regras sociais, e como isso é reificado a partir de ações presentes – que vão de alguma forma sendo reforçadas na replicação de normas, as quais são passíveis de observação tendo em vista o contrato social formulado pelas interações entre os indivíduos nas suas redes.

Em linhas breves, o processo de estruturação contempla uma situação tal em que agentes cognoscitivos (humanos) se encontram em ambientes previamente estabelecidos (a estrutura). Essa idéia defendida por Giddens, porém, não abarca um conceito rígido, à maneira de um molde ou um alicerce. Trata-se, de fato, da delimitação espaço-temporal de sistemas sociais, os quais oferecem certos recursos e vias possíveis de ações, que, em retorno, retrabalham aquele dado contexto. Tal estrutura, não sendo um esqueleto, é muito mais da ordem do presente (ou seja, uma estruturação, um processo corrente) em direção a determinadas virtualidades, atualizada a partir das ações dos indivíduos e a eles provendo rotas para suas manifestações sociais.

Tendo tais conceitos em mente, passemos para algumas considerações sobre como tratamos aqui a linguagem para, em seguida, pensar sua relação com o sujeito e com seus contextos estruturais.

II – Dos moldes primários: a linguagem

A relação do homem com a linguagem permite que seu pensamento fale. Octavio Paz, em um ensaio chamado *El lenguaje* afirma que “la palabra es un puente mediante el cual el

hombre trata de salvar la distancia que lo separa de la realidad exterior”⁴ (PAZ, 2003, p. 36)
A linguagem aqui não é um instrumento a favor do pensamento, mas o alicerce sobre o qual se edifica o próprio ser.

Do ponto de vista da fenomenologia, quando Heidegger (2008) apresenta a linguagem enquanto morada do ser, convida-nos a pensar a linguagem como a própria constituição daquilo que se é e não como um instrumento de tradução do pensamento. Assim como encontramos reforço na obra de Paz (2003, p.30): “La palabra es el hombre mismo. Estamos hechos de palabras. Ellas son nuestra única realidad o, al menos, el único testimonio de nuestra realidad”⁵.

Estas vozes encontram em Merleau-Ponty um reforço no árduo exercício de falar sobre o que se fala e pensar sobre o que se pensa. O filósofo francês, ao debruçar-se sobre a linguagem, propõe pensá-la em duas vertentes temporais: a diacronia da língua e a sincronia da palavra. Irredutíveis um ao outro, a linguagem é tratada como um “equilíbrio em movimento”, ou seja, comporta mudanças latentes no momento em que a palavra recorre ao passado para dele extrair seu significado. Neste movimento, a língua está sujeita a acasos que configuram novos sentidos ao que é dito.

A sincronia envolve a diacronia. O passado de uma língua começou sendo presente. (...) Sob outra relação, a diacronia envolve a sincronia. Se a linguagem comporta acasos, quando considerada segundo um corte longitudinal, é preciso que o sistema da sincronia comporte a cada momento fendas onde o acontecimento bruto possa vir a inserir-se (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 79)

Considerando essas diacronia e sincronia, assumir a linguagem enquanto processo dinâmico que admite modificações ao longo de seu curso é afirmar que tais mudanças são ocasionadas pelo falante e que, quando estas fogem ao mero acaso linguístico – incidentes isolados – e tornam-se a própria língua, seu novo sentido é apreendido por aqueles que partilham dos mesmos signos. Considerando o homem como um ser de palavras (PAZ, 2003), o fato de exprimir-se – cuja raiz etimológica abrange “representar” e “espremer” – é compreendido como uma tomada de consciência, de modo que “não exprime somente para os outros, exprime para que ele próprio saiba o que visa” (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 82). Nesta perspectiva, a linguagem constitui o próprio pensamento.

Naturalmente que as transformações da língua – engendradas e incorporadas pelos homens – demonstram muito mais que alterações semânticas ou fonéticas. O que está em jogo

⁴ Tradução nossa: “A palavra é uma ponte por meio da qual o homem trata de salvar a distância que o separa da realidade exterior”.

⁵ Tradução nossa: “A palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são nossa única realidade ou, ao menos, o único testemunho de nossa realidade”.

é o próprio processo de nomear as coisas e constituir uma realidade compartilhável com os demais possuidores do mesmo poder. Em tradições pré-letradas, não havia distinção entre signo e coisa aludida. Não à toa, para os antigos acádios “‘ser’ e ‘nomear’ comparecem como sinônimos” (KRISTEVA, 1970 apud PEREIRA, 2011, p. 93). “El signo y el objeto representado eran lo mismo. (...) hablar era recrear el objeto aludido”⁶ (PAZ, 2003, p. 31).

As habilidades narrativas se constituem em perspectiva temporal, através de histórias contadas, modificações sofridas e ressignificações que promovem. Um viés que é definido por Ricouer, como “uma história cumulativa e sedimentada” (1995, p. 34). É no suporte escrito, que um povo fixa suas experiências. Neste sentido, perpetuar histórias é também construir uma memória a ser retomada posteriormente. Como entende Paz (2003, p. 39): “Al crear el lenguaje de las naciones europeas, las leyendas y poemas épicos contribuyeron a crear esas mismas naciones”⁷.

Pensando em uma sociedade em rede – cuja definição encontra em Castells (2003) uma síntese tendo como referencial a ciência das redes: “um conjunto de *nós* interconectados” – considera-se valiosa uma investigação que questione os “elos” desta configuração social, isto é, as ligações entre estes nodos enquanto processo de (re)criação e sustentação da rede.

Nos modos como a linguagem se modifica (é modificada), estão veladas peças de um quebra-cabeça cuja imagem base não se sabe muito bem qual é. É no sentido de auxiliar nesta busca que o trabalho se apresenta. Naturalmente, o que se contempla no presente artigo não se restringe à formatação e manutenção da língua enquanto processo de formação do homem. Admite-se aqui que este ser é produto e produtor do meio em que está inserido. Estas relações, interessantíssimas do ponto de vista da sociologia, são abordadas com propriedade por Anthony Giddens em *A Constituição da Sociedade*. Se o homem contemporâneo caracteriza-se por uma multiplicidade de “eus”, é preciso situar este mesmo indivíduo em um tempo e espaço, de modo que a presente aproximação precise com maior exatidão as circunstâncias em que tal fenômeno se dá. Inserirmo-nos neste tempo e assumirmo-nos parte sujeitos, parte objetos da própria pesquisa, implica em estar ciente das armadilhas contidas na própria língua. Conforme salienta Merleau-Ponty (1989, p. 78): “Sendo a língua resultado de tantos acidentes, torna-se incompreensível que possa significar qualquer coisa sem equívoco”.

⁶ Tradução nossa: “O signo e o objeto representado eram o mesmo. (...) falar era recriar o objeto aludido”.

⁷ Tradução nossa: “Ao criar a linguagem das nações européias, as lendas e poemas épicos contribuíram para criar estas mesmas nações”

À medida que olhamos para o objeto em questão à luz destes autores, mais arestas se dão a ver. Questionar, no tempo infinito, apresenta-se enquanto caminho necessário para a apreensão de si em perspectiva temporal. Desta forma, observa-se no questionamento da linguagem um caminho inicial ao cumprimento de tais pretensões.

Antes de adentrarmos na relação inquietante do indivíduo com a estrutura à qual está inserido, é preciso atentar ao ponto fundamental apresentado até o momento nesta discussão. Apreendemos a linguagem enquanto processo de natureza *recursiva*: em uma via, é modificada pelo homem, em outra, altera o próprio olhar que este lança sobre o mundo. Para tanto, é necessário que a linguagem esteja em um processo contínuo de *reificação*, de modo a reforçar a sua permanência através do tempo por novos atores que vão surgir e intervir no processo.

A partir daí, é possível pensar que as relações humanas acontecem ao longo do tempo e que, por processos de formação peculiares, os homens partilham entre si um conjunto de elementos simbólicos. Esta partilha recebe no trabalho de Giddens (2009) um tratamento que combina contribuições da corrente estruturalista com as diversas “sociologias interpretativas”, como a hermenêutica e a psicanálise. No tópico subsequente, pretende-se revisitar com maior demora a ideia de *teoria da estruturação* enquanto processo em movimento, no qual o *agente* molda (e é moldado por) o sistema social do qual é parte.

III – Agente x Estrutura:

O ponto que conecta as reflexões anteriores sobre a linguagem e o pensamento à ideia de um indivíduo inserido em uma estrutura social está na natureza recursiva destes processos. Ou seja, para Giddens, os fenômenos não se dão em absoluto, necessitando, afinal, de sujeitos dotados de consciências prática e discursiva em torno das manifestações sociais. É desse modo, por meio de uma corrente cíclica e retroalimentada, que os fatos são reconhecidos e reiterados, tornando-se aquilo que reconhecemos por sociedade. Linguagem e pensamento encontram um elo no ponto em que o ser social se estabelece como a peça-chave desse processo de estruturação do corpo social.

Por essa linha de raciocínio, assim como a linguagem é construída ao longo do tempo por meio do curso da palavra – utilização esta submetida às próprias convenções estabelecidas anteriormente através de sedimentações e acumulações –, a estrutura social se articula em novos arranjos a partir de condutas rotineiras. Obviamente que tais comportamentos cotidianos resultam também da assimilação de práticas convencionadas. A ideia de um sistema que se retroalimenta é perfeitamente cabível, tanto pelo ato de se dar a saber (por

meio da identificação/denominação dos fenômenos) quanto pela constituição de uma prática recorrente, a rotina. Nas palavras de Giddens,

a rotina faz parte da continuidade da personalidade do agente, na medida em que percorre os caminhos das atividades cotidianas, e das instituições da sociedade, as quais só o *são* mediante sua contínua reprodução. Um exame de rotinização, devo afirmar, dota-nos de uma chave-mestra para explicar as formas características de relação do sistema de segurança básica com os processos reflexivamente constituídos inerentes ao caráter episódico dos encontros (2009, p. 70, grifo no original).

Giddens, no exercício de articulação de correntes de estudo anteriores, julga necessária uma aproximação à ideia de *agente* enquanto um indivíduo dotado de *cognoscitividade*. O que está em jogo aqui é a noção de um ser que age em um fluxo contínuo, que é ciente de suas ações – por mais triviais que pareçam ser –, que tem a possibilidade, se requerido for, de elaborar um discurso sobre aquilo que faz cotidianamente. Com isso, Giddens pensa o agente enquanto produto da estrutura (no momento em que exhibe certa familiaridade com as atividades em suas práticas rotineiras) e produtor da mesma, considerando, sobretudo, uma diferenciação nos tempos em que tais dinâmicas se dão. Como explica:

As atividades sociais humanas (...) são recursivas. Quer dizer, elas não são criadas por atores sociais, mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam *como* atores. Em suas atividades, e através destas, os agentes reproduzem as condições que tornam possíveis essas atividades (GIDDENS, 2009, p. 2-3).

Considerando a argumentação acerca desse processo de estruturação, compreender o mesmo em uma sociedade exige a consideração do fator tempo, pois ambos os pólos (agente e estrutura) reagem em ritmos distintos. “A questão fundamental da teoria social (...) consiste em expor como as limitações da ‘presença’ individual são transcendidas pela ‘extensão’ das relações sociais através do tempo e espaço” (GIDDENS, 2009, p. 41). Isto é, o *self* é apreendido como somatório entre tempo *reversível* e *irreversível*. O tempo reversível incide na ideia de retorno ao que já passou, de volta ao que se construiu anteriormente. “As expressões ‘reprodução social’, ‘recursividade’ etc. indicam o caráter repetitivo da vida cotidiana. (...) A vida do indivíduo, em contraste, é não só finita, mas irreversível, ‘ser para a morte’” (GIDDENS, 2009, p. 41). Portanto, é na articulação entre o tempo da vida e as convenções sociais previamente estabelecidas que se apresentam os dois referentes básicos da investigação sociológica: o indivíduo e a sociedade.

Na mesma linha de pensamento, Norbert Elias (1994) afirma haver uma *ordem oculta*, não diretamente perceptível pelos sentidos, pela qual o homem e a sociedade coexistem e se

interdependem. Criticando as correntes de pensamento que enxergam tal relação enquanto disputa de forças – ora reconhecendo a primazia do indivíduo, ora da estrutura em que este se encontra – o autor formula:

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe (ELIAS, 1994, p. 21).

Essa compreensão da relação entre indivíduo e sociedade é conjugada com a ideia de *agente* em Giddens, no momento em que este ser, capaz de refletir sobre sua própria conduta (ou seja, dotado de cognoscitividade), encontra-se inserido em um contexto social, mantido e regulado tanto pelas normas e regras das instituições quanto pelos processos de interação com os demais indivíduos – um processo que o autor inglês compara ao processo fisiológico de *homeostase*. Emerge daí a questão relacionada à dúplici influência que exerce e sofre. É esta “ordem oculta” que Elias investiga. O exame que propõe se dá na própria relação do homem com a linguagem em uma perspectiva espaço-temporal. “O que une os indivíduos não é cimento. Basta pensarmos no burburinho das ruas das grandes cidades: a maioria das pessoas não se conhece” (ELIAS, 1994, p. 20).

A imagem acima sugerida, de um agrupamento de indivíduos desconhecidos entre si dividindo um mesmo espaço – ruas e calçadas –, aloca, novamente, as ações rotineiras como um elemento básico na estrutura social. Desta maneira, na textura uniforme do burburinho, a distinção entre as vozes isoladas parece respeitar certa *ordem invisível* através da qual exhibe uma camada de áudio que se encerra e renova a cada instante. Enquanto a perspectiva hermenêutica concentra seus esforços em uma investigação sobre o homem ser criador e criatura da linguagem, em uma relação temporal, de passado e presente, língua e palavra, as correntes sociológicas observam o indivíduo enquanto produto e produtor da estrutura social à qual pertence.

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos (...) Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; *vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal* (ELIAS, 1994, p. 22, grifo nosso)

Dizemos que *somos* membros de tais e tais instituições – e de fato, nos tornamos isso. É observando o movimento do “tecido de relações” que Giddens adota o nome *princípios estruturais* no que se compreende por “estrutura”.

Dizer que estrutura é uma 'ordem virtual' de relações transformadoras significa que os sistemas sociais, como práticas sociais reproduzidas, não têm 'estruturas', mas antes exibem 'propriedades estruturais', e que a estrutura só existe, como presença espaço-temporal, em suas exemplificações em tais práticas e como traços mnêmicos orientando a conduta de agentes humanos dotados de capacidades cognitivas. (GIDDENS, 2009, p. 20).

Com relação a esses traços mnêmicos orientando a conduta de agentes humanos, estudos relacionados à memória ocupam um lugar fundamental na investigação que se apresenta neste trabalho. Sendo este uma reunião e organização de diversos olhares com o objetivo de discutir elementos constitutivos do “eu” contemporâneo, há a necessidade, fundamental para esta abordagem, de compreender este ser em perspectiva temporal. Resultado de “acumulações e sedimentações”, age de forma a construir-se ao longo do tempo. Tradições, instituições, língua são molduras talhadas durante milênios nas quais o indivíduo auxilia em sua construção à *durée* de sua existência e pelas quais apreende o mundo.

De tal condição do agente, sua saliência mais evidente se constitui no campo da linguagem. Nós – todos “nós” – estamos no mundo e somos marcados pela comunicação, pela interação, pelo que dizemos e formulamos. Poemas de amor são escritos, contratos são estabelecidos, são feitos negócios e redigem-se leis. O fluxo humano incide em influxos e alterações na linguagem, a influência que esta exerce sobre os modos de ser humano é um tema caro para a filosofia. De certo que a linguagem é este *em curso* que se reforma (é reformada) em perspectiva temporal, porém, compreender em que consiste a linguagem na sociedade contemporânea é uma tarefa complexa.

A linguagem tornou-se, em nosso tempo, um fenômeno vasto, amplo, com domínios diferentes e diversos aspectos de investigação. No campo da computação e da robótica, os alicerces de qualquer construção residem na *linguagem* de programação; na psicanálise, os diversos distúrbios são identificados e tratados através da linguagem; à linguística, a estrutura lexical é um dos objetos de estudo; no campo da lógica, adquire uma “visibilidade matemática”, no momento em que se faz, por exemplo, uma operação de pensamento como silogismo. No tocante a esta última área de conhecimento, inclusive, percebe-se um diálogo amplo com a já citada linguagem de programação. Ou seja, investigar aspectos do ser e da

linguagem nos dias de hoje é uma tarefa árdua, sobretudo devido à multiplicidade de fenômenos e suportes a eles conjugados.

Esta dupla influência exercida pela linguagem e sociedade sobre o indivíduo – e, no sentido oposto, do indivíduo sobre a linguagem e a sociedade – requer cuidados básicos na investigação, de modo que tais fenômenos não sejam observados com lentes degeneradas pelo tempo. Daí reforça-se o interesse em apreender o homem no momento em que vive, num esforço de retomada ao passado, mas contextualização no presente. É neste cenário, onde a interação mediada por computadores se torna parte da vida cotidiana, que a discussão posterior se insere.

IV – Redes sociais digitais: nos nós

A imagem de uma rede, à qual recorrem os psicólogos sociais no intuito de representar um sistema de relações e associações entre seus nós (indivíduos), atinge, com as tecnologias digitais, uma dimensão global e instantânea. A velocidade com a qual estes nós se refazem e recombina suas conexões atrai olhares atentos tanto às potencialidades (TURKLE, 1997, 2011; BOYD e ELLISON, 2007; RIBEIRO, 2005; SANTAELLA e LEMOS, 2010), quanto às limitações e nocividades (GERGEN, 1991; BAUMAN, 2001). Novamente, cabe pontuar algumas particularidades relacionadas ao tempo em que este homem vive.

Os efeitos da globalização marcam nosso tempo. Corporações e pessoas estão *linkadas* por comunicação via satélite, sistemas de telefonia interconectam indivíduos situados em diferentes parcelas do mundo e Internet à mão (e até quando necessitaremos de dispositivos externos ao corpo?) são características marcantes da nova configuração social. A fina cortina que separava o “mundo real” do “virtual” deteriora ano após ano. Sinal evidente deste rompimento à vista é compreender o que se diz quando ouvimos “*linkar*”, “*deletar*”, “*trollar*”; em outro sentido, o que podemos formular ao ouvir “nuvem”, “ferramenta”, “memória”? As palavras adquirem novas significações, a linguagem se move. Da mesma forma, somos surpreendidos quando nos deparamos com vídeos de crianças manipulando revistas impressas como *tablets*⁸. Ora, o que vemos não é senão a representação de uma mudança significativa na maneira como percebemos (e sentimos) o mundo a nossa volta.

Um conceito da pesquisa social que certamente pode iluminar a discussão acerca da maneira pela qual a humanidade se interconecta é a noção de *laços*. Se visualizarmos as pessoas enquanto pontos que se ligam a outros pontos, torna-se perceptível a linha que os

⁸ Cf. “Baby uses magazine like an iPad” Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=vidbhULS30c>

conecta. Este algo *in between* são os laços, tema caro à ciência das redes e que, posteriormente, passa a ter uma série de trabalhos no campo das ciências sociais, sobretudo na sociologia e suas diversas ramificações. Numa abordagem a partir da microssociologia, Erving Goffman (2009) concentra a atenção em quadros da experiência social e faz destes ritos de interação, seu objeto de estudo. A partir da teoria dramaturgica, na qual o ator se equipara ao indivíduo em um processo comum de interação, o autor analisa os comportamentos destes agentes como “papéis” representados com determinada finalidade.

Neste sentido, a ideia de *gerenciamento de impressão* emerge. “Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam” (GOFFMAN, 2009, p. 13). Vejamos, Goffman, ao escrever “*The presentation of self in everyday life*” em 1959, observa algo em curso, que não é estático, que tem um início e um fim, como uma peça teatral. A interação humana, que é seu objeto maior de análise, ocorre em um mesmo espaço, em um mesmo tempo – atores em co-presença, como são assim chamados. Imaginemos a situação seguinte ocorrendo no meio do século XX. Para um ator social obter determinado grau de confiança e intimidade com um outro – o que é chamado aqui de “amizade” –, subtende-se que estes mesmos atores deverão compartilhar uma série de momentos e espaços, desempenhando um leque de comportamentos que satisfaça a expectativa do outro. Demonstrarão afinidades e o reconhecimento da importância que um exerce sobre o outro. Este processo de troca simbólica, em Goffman, estava sujeito a manipulações e encenações, como algo natural na conduta humana. Somos um constructo complexo (*self*) do qual emerge, vez ou outra, uma faceta que tem esta ou aquela finalidade.

Consideremos um ambiente urbano no século XXI, no qual os indivíduos, em seus apartamentos, pouco ou nada sabem sobre o vizinho da porta ao lado, mas que, através do computador, relacionam-se com pessoas em outras partes do planeta. Remetemo-nos aqui à questão chave do presente trabalho: refletir sobre o ser contemporâneo, espraiado e constituído nas redes digitais.

Nesse contexto do indivíduo representado nos mais diversos ambientes, este não se encontra apenas com seus amigos, mas com diversos fatores (humanos e não-humanos) que são potencialmente intervenientes e estão imbricados em um enquadramento da situação – acarretando no modo como se interage. Se, há tempos, os atores e os cenários da interação não mais carecem de suporte físico, o que tal condição inaugura no tocante às práticas sociais? Ou ainda, quais os efeitos deste fenômeno sobre a conduta rotineira destes indivíduos?

Tais questões recebem inúmeros tratamentos. Gergen (1991) aborda o ser contemporâneo enquanto um “*self* saturado”. Bauman (2001) alude ao estado de liquidez para definir a dificuldade em definir o atual tecido social. Sherry Turkle (2011) afirma que estamos na era *multilifing* (alegando uma ultrapassagem à era *multitask*, na qual o indivíduo realiza inúmeras funções simultaneamente), em que possuímos diversas vidas e sentimos a necessidade de mantê-las. A pluralidade de olhares sobre este assunto é resultado da abrangência de fenômenos que a “sociedade em rede” engloba. Pois, se já não é tarefa fácil compreender o homem em suas diversas formas de expressão, ao levarmos esta relação à “galáxia da Internet”, a nossa sensação não é outra que não a de um astronauta, mais ou menos adaptado às ferramentas que dispõe para análise e ciente da modesta contribuição – ante a vastidão do espaço em que se encontra – que poderá resultar de seu esforço.

É neste sentido que, ao refletirmos sobre o “ser contemporâneo”, é essencial compreender a maneira como ele se relaciona com e se conecta aos demais, dadas as particularidades *deste* tempo, onde se observa “um deslocamento dos eixos em torno dos quais cada sujeito edifica o que é. Um deslizamento de ‘dentro’ de si (*intradirigido*) para ‘fora’, ou melhor: para tudo aquilo que os outros podem enxergar (*alterdirigido*)” (DIOGO e SIBILIA *in* COUTO e ROCHA, 2010, p. 45). “Embora se apresente como ‘o mais insubstituível dos seres’ e ‘a mais real, em aparência, das realidades’, o *eu* de cada um de *nós* é uma entidade complexa e vacilante.” (SIBILIA, 2008, p. 31). O eu de cada um é, de fato, aquilo que se dá em relação para com os demais.

É nas redes sociais digitais que os indivíduos sustentam boa parte das relações que possuem. “Essas redes são, assim, constituídas de modo independente da interação social característica das redes sociais off-line” (RECUERO *in* ANDRADE e FALCÃO, 2012, p. 21). Isto é, para ser “amigo” de outrem, o *usuário* (termo que apresenta uma revisão recente em seu significado) dispensa alguns *clicks* (novamente, à linguagem) e *voilà!*, os nós se interconectam, com possibilidades diversas de compartilhamento de dados e informações. Estes laços sociais não requerem, essencialmente, manutenção. Uma vez que o sistema os identifica enquanto “amigos”, a relação existente não requererá investimentos de tempo ou atenção. De fato, as implicações da reconfiguração da maneira pela qual os indivíduos se comunicam, oferece desdobramentos diversos à pesquisa social.

Representados pelos *perfis*, os indivíduos se relacionam na rede, fazem negócios, compartilham arquivos, habitam mundos virtuais etc. A prática de *lifelogging* exemplifica um modo de ser voltado ao compartilhamento de seu cotidiano com audiências desconhecidas. Fotografias em álbuns virtuais, dados georreferenciais disponíveis através de GPS, o que lê, o

que ouve, a lógica que fundamenta esta prática é a do armazenamento de informações. Uma vez disponíveis, estes dados persistem na *nuvem*, podendo ser buscados e replicados *a posteriori*. Ora, a ideia de gerenciamento de impressão (GOFFMAN, 2009) parece encontrar, nestas características, um terreno fértil, como aponta Raquel Recuero: “Cientes dessas características, os atores tendem a dispendir mais tempo na construção das impressões que querem construir em seus perfis, cuidadosamente montados para criar as *personas* que desejam dar a conhecer” (RECUERO, 2012, p. 23, grifo nosso).

Para falarmos sobre a construção de *personas* em ambientes virtuais, é necessário frisar que o que entendemos como “pessoa” tem uma ligação próxima com “ator” – não só como aquele que age, como também aquele que representa. Portanto, constituir-se enquanto pessoa no mundo é aquiescer que, de certa forma, somos todos atores sociais, no momento em que representamos este ou aquele personagem *à durée* da vida cotidiana. Turkle, em 1997, falava de nós, humanos, em um processo de aprendizado de sua condição *plugged-in*. Aprender é também apreender, no sentido de trazer para perto aquilo que está disperso e armazenar em determinado local. Desta forma, ainda aprendemos a estar conectados ou, por outro lado, apreendemos esta condição a tal ponto que já *somos* o “virtual”, como preconiza Jean Baudrillard (2005)? Dado que estas interações são possíveis pela linguagem, como abordá-la em uma sociedade em rede?

Considerações finais

Muitas são os caminhos a percorrer. Alguns destinam a objetos mais gerais (redefinições na política e economia, por exemplo), enquanto outros levam a observações *micro* – igualmente importantes e que muito podem revelar sobre este “todo”. No intuito de ancorar questionamentos e inquietações sobre a complexa relação do homem com a sua linguagem, incluindo aí as extensões provenientes de tal interação, este trabalho passa longe do objetivo de propor respostas ou soluções. No entanto, compreende-se que o exercício do questionamento é algo válido não somente enquanto pesquisa, mas como um modo de ser, como convida Heidegger (2001).

Em linhas gerais, chegamos ao final desse artigo com uma ideia em mente: tendo como ótica principal aquela fornecida pela estruturação de Giddens (2009), podemos pensar a constituição dos indivíduos em rede como um duplo movimento de diálogo com as disposições técnicas (os recursos oferecidos pelo *site* ou serviço) e com o *ethos* operante dentre seus contatos (o que abarcaria, a um só tempo, aquilo que é socialmente aceito e as linguagens compreendidas e aceitas). É um movimento grande, claro, e compreendê-lo em sua

totalidade não é objetivo para este *paper*. Nossa contribuição finaliza-se em torno dessa movimentação múltipla entre sujeitos, representações, linguagens e estruturas técnicas de apoio à ação.

Refletir sobre o lugar do homem em perspectiva temporal torna necessária uma investigação em torno da linguagem, do sistema social em que está inserido e as possibilidades diversas de atuação no mundo. Certo que há diversas lacunas a serem preenchidas no que diz respeito à investigação em torno das flexões do *self* contemporâneo, uma série de desdobramentos possíveis se apresentam durante o texto. A rede de palavras aqui tecida possui pontos que interconectam brevemente a psicanálise, a psicologia social e a sociologia. Porém, propor-se a pensar “o homem contemporâneo” através do estudo da linguagem parece ser um caminho necessário. “Toda crítica filosófica se inicia con un análisis del lenguaje”⁹ (PAZ, 2003, p. 30).

Uma proposta como a de Octavio Paz certamente motiva o curso das ações porvir. Além de caber em um *tweet*.

Bibliografia

ALLAN, Graham. Social networks and personal communities. In A.L. Vangelisti, & D. Perlman. *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*, 2006 (p.657-671).

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BELL, C. Gordon. **O futuro da memória: Como essa transformação mudará tudo o que conhecemos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

Boyd, Danah; Ellison, Nicole. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11, 2007.

BURKITT, Ian. **Social Selves: Theories Of Self And Society**. SAGE Publications Inc. Thousand Oaks, California. 2008. p. 162-186.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DIOGO, Ligia Azevedo; SIBILIA, Paula. In: COUTO, Edvaldo; ROCHA, Telma. **A vida no Orkut: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: Edufba, 2010.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

⁹ Tradução nossa: “Toda crítica filosófica se inicia com uma análise da linguagem”.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. In: _____. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOHNSON, Steven. **Emergência**: A vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da linguagem. In: _____. **Textos selecionados**. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1989.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PEREIRA, Vinícius Andrade. **Estendendo McLuhan**: Da aldeia à teia global. Comunicação, memória e tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Raquel. Jogos e práticas sociais no Facebook: Um estudo de caso do Mafia Wars. In: ANDRADE, Luiz Adolfo; FALCÃO, Thiago. **Realidade sintética**: Jogos eletrônicos, comunicação e experiência social. São Paulo: Scortecci, 2012.

RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcízio. **Mídias sociais**: saberes e representações. Salvador: Edufba, 2012.

_____. **Múltiplas identidades virtuais**: A potencialização das experiências exploratórias do “Eu”. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**: Tomo II. Campinas: Papyrus, 1995.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen**: identity in the age of the Internet. New York: Touchstone, 1997.

_____. **Alone Together**: Why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.